

Introdução

Renan Belmonte Mazzola

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAZZOLA, RB. Introdução. In: *O cânone visual: as belas-artes em discurso* [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 21-27. ISBN 978-85-7983-671-8. Available from: doi: [10.7476/9788579836718](https://doi.org/10.7476/9788579836718). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Este livro investiga a emergência da imagem de arte como objeto da análise do discurso (AD). Concebido no final da década de 1960 por Michel Pêcheux e Jean Dubois, na França, esse campo do saber sofreu consecutivas modificações e frequentes influências, entre as quais destacamos o pensamento de Michel Foucault. A influência da obra de Foucault (1969) na AD foi decisiva para a instauração de uma vertente de estudos do discurso no Brasil, a partir dos anos 1990. Inicialmente formulada para a investigação do discurso político escrito, a análise do discurso reformulou seu aparato teórico e conceitual em função da mutação de seus objetos ao longo da história. Este livro retoma a história dessa disciplina para demarcar em quais momentos, especificamente, houve uma abertura em seu projeto – a partir da qual se permitiu estudar as imagens de arte como componentes de um *discurso*. Entendemos como discurso a produção de sentidos, realizada por sujeitos histórico-sociais, por meio da materialidade da linguagem (Gregolin, 2008a). A particularidade deste livro consiste em investigar a materialidade própria das pinturas e o seu funcionamento na teoria do discurso.

Por que as belas-artes?

Algumas imagens de arte são tão presentes no imaginário social que retornam a todo instante. Essas imagens ocupam lugares estabilizados historicamente pelas instituições de ensino, tradições de crítica e classes sociais dominantes: elas constituem o que chamamos de cânone imagético ocidental. Obviamente, esse acervo de imagens partilhadas não se reduz às belas-artes, mas se estende a um conjunto indefinido de referências picturais disseminado e compartilhado não só por museus, escolas ou livros especializados, mas, ainda, pelas mídias. As imagens de arte, por essa razão, são resgatadas e transformadas segundo as necessidades de cada discurso. A publicidade, por exemplo, às vezes se utiliza desse repositório de imagens estabilizadas em uma sociedade para atribuir-lhes novos efeitos de sentido.

Vejam, por exemplo, a imagem *Cristo crucificado* (disponível em: <<https://www.museodelprado.es/coleccion/galeria-on-line/galeria-on-line/obra/cristo-crucificado-1/>>). O corpo esguio de Cristo é uma das principais características observadas na pintura original de Diego Velázquez, datada de cerca de 1632. A representação desse corpo é fruto de estudos feitos pelo artista na Itália entre 1629 e 1630 sobre os nus de obras clássicas. Esses estudos permitiram ao mestre pintar esse *Cristo crucificado*, em cujo corpo se fundem a serenidade, a dignidade e a nobreza do personagem. As técnicas empregadas na representação de Cristo convidam o espectador a contemplar tanto a beleza física desse nu frontal quanto a expressão serena transmitida por seu rosto. Mesmo morto, Cristo não está pendurado. Ele apoia-se sobre quatro pregos – o que configura uma prática particular da iconografia, uma vez que há composições de Cristo apoiado apenas sobre três pregos – e seus pés encontram-se sobre um estribo. Esse apoio revela o *contraposto*, que faz o peso do corpo repousar sobre a perna direita, e dota a figura de um movimento harmônico.

Um quadro exemplar do barroco espanhol, disponível em: <<http://www.letra.org/spip/spip.php?article118>>, foi escolhido

pelo artista Alfonso Aguilar para compor um conjunto de imagens de crítica ao consumismo. A memória da pintura de Velásquez parece servir, agora, a outros objetivos. O corpo esguio representado na pintura original será o lugar das metamorfoses e da injeção de discursos. A inserção de símbolos norte-americanos – como a marca da rede de alimentos *fast-food* e a bandeira nacional norte-americana – junto à metamorfose do corpo de Cristo possibilita outra interpretação para a imagem, inscrevendo o enunciado visual em uma formação discursiva anticonsumista. Frequentemente, encontram-se nas cidades os estabelecimentos de *fast-food*. Eles são parte de uma indústria e de um comércio de alimentos, cuja meta é o lucro. Essas redes funcionam segundo um paradigma consumista, que tem em sua base um modelo econômico, regido pelo capitalismo. Em oposição a esse modelo e discurso econômicos, nota-se um discurso médico, que evidencia os malefícios do consumo de alimentos sintéticos vendidos por tais estabelecimentos. O embate entre um discurso econômico e um discurso médico gera enunciados como o da releitura artística que acabamos de mencionar. Esses enunciados não permanecem neutros, mas se integram a uma das formações discursivas postas em relação. A obesidade, consequência do consumo de *fast-foods*, modifica o corpo de Cristo. O símbolo da rede de alimentos ocupa o lugar da placa que designava Cristo como rei dos judeus. A bandeira norte-americana recobre sua cintura. Que efeitos de sentido essas modificações produzem sobre uma obra de arte do século XVII? Abordar essa imagem como enunciado verbo-visual permite vislumbrar uma parcela da dimensão discursiva da economia e da medicina. O enunciado deve ser o ponto de partida:

Mas, de fato, de que falei até aqui? Qual foi o objeto de minha pesquisa? E estava em meus propósitos descrever o quê? ‘Enunciados’ – nessa descontinuidade que os liberta de todas as formas em que, tão facilmente, aceitava-se fossem tomados, e ao mesmo tempo no campo geral, ilimitado, aparentemente sem forma, do discurso. (Foucault, 2007, p.90)

O corpo, nessas duas figuras, é discursivo: ele enuncia, reorganiza configurações semânticas por meio da verbo-visualidade e de suas relações com a história. As releituras canônicas funcionam segundo a retomada de uma memória e de sua inserção em uma atualidade. Esse funcionamento, regido pelo discurso, constitui nosso objeto de estudo.

Arquitetura de um mirante teórico no Brasil

Este estudo baseia-se na análise do discurso foucaultiana realizada no Brasil. Mais especificamente, ele resulta de discussões e produções que integram parte dos trabalhos do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara, coordenado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin. Os trabalhos desse grupo inserem-se no que se chama comumente de Tradição ou Escola Francesa de análise do discurso, ou seja, partimos dos trabalhos de Michel Pêcheux e Jean Dubois, responsáveis pela fundação desse campo do saber, na França, em 1969, e explicitamos a influência do pensamento de Michel Foucault no percurso de reformulação dessa disciplina. Sabemos que a história da análise do discurso no Brasil seguiu um caminho diferente daquele observado na França. Se Jean-Jacques Courtine incorporou o pensamento arqueogenalógico de Michel Foucault na análise do discurso da França dos anos 1980, não é demasiado dizer que Maria do Rosário Gregolin incorporou o pensamento de Foucault na análise do discurso do Brasil dos anos 1990. Os membros do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara sempre foram orientados a ler os textos originais de Pêcheux e de Foucault, observando os diálogos e os duelos entre esses dois autores em torno de questões como a linguagem, a história e o sujeito. No entanto, se hoje iniciamos – recorrentemente – nossas pesquisas com sentenças do gênero “Nosso trabalho se baseia na análise do discurso de linha francesa, derivada de Michel Pêcheux e Michel Foucault...” é porque foi constituído um lugar para Foucault nas pesquisas de análise do discurso no Brasil. Se

hoje as novas pesquisas nesse campo não se dão conta dos movimentos e dos embates realizados ao longo da história das ciências no Brasil é porque – como já disse Barthes (2009) a propósito da maestria dos fotógrafos de guerra – “alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós”, fazendo com que hoje seja aparentemente normal emparelhar a figura de Pêcheux com aquela de Foucault. Fazer análise do discurso com o olhar voltado para as mídias, para as identidades e para as diversas materialidades do discurso a partir de Foucault significa, necessariamente, colocar-se diante de um mirante. Esse mirante já foi construído: trata-se, justamente, de restituir à construção seu arquiteto.

Análise do Discurso é um campo de vizinhanças teóricas: se entendemos “discurso” como produção de sentidos, realizada por sujeitos histórico-sociais, por meio da materialidade da linguagem, temos necessidade de articular teorias da linguagem, do sujeito e do histórico-social. Entender as diferentes ADs Brasileiras é, portanto, definir quais teorias constituem as concepções de linguagem, sujeito, sociedade, história em cada proposta e, a partir disso, delimitar em qual espaço epistemológico nos situamos no interior desse diagrama complexo. (Gregolin, 2008a, p.4)

Este livro reflete um momento particular de discussões do Grupo: o de investigação do funcionamento das materialidades verbo-visuais no discurso. Em outras palavras, buscamos as relações que se estabelecem entre a teoria do discurso e as teorias semiológicas. Por isso, os objetivos deste trabalho recaem sobre a relação discurso *versus* imagem. Nesse sentido, empreendemos leituras de Roland Barthes, cuja semiologia é derivada de Ferdinand de Saussure; leituras de Carlo Ginzburg, cujo trabalho histórico aponta para uma semiologia antropológica anterior às formulações de Saussure, mas que no século XIX estava em plena visibilidade na literatura de Doyle, nas buscas de atribuição de obras de arte de Morelli e nas reflexões sobre o inconsciente de Freud. Por fim, realizamos pesquisas em torno da figura de Jean-Jacques Courtine, em

cujos trabalhos encontramos as bases para uma semiologia histórica. Essa semiologia emergiu das mutações do discurso político e parece sinalizar uma via pertinente para o estudo da multimodalidade dos enunciados. Realizamos, também, a busca de uma semiologia em Michel Foucault, uma vez que esse autor não reduz o enunciado à dimensão linguística. Seus trabalhos sobre pintura ajudaram-nos a compreender como os discursos se manifestam no plano da visualidade, e de que maneira a materialidade imagética pode ser analisada a partir do método arqueológico.

Justamente por não abordar enunciados de materialidade exclusivamente linguística, como os que estão na base do projeto pêcheutiano de análise de discursos, este estudo apresenta uma problematização epistemológica. Não raras vezes retornamos à teoria e às condições em que ela foi produzida para compreendermos como foi possível, na história da análise do discurso, um olhar para as materialidades verbo-visuais ou exclusivamente visuais. Partimos do pressuposto de que a dimensão discursiva da produção de sentidos pode ser atingida por meio da análise de variadas materialidades. Dessa maneira, investigamos, nos textos de Pêcheux, Foucault e Courtine, o lugar em que se encontram as preocupações em torno da visualidade a serviço do discurso. Investigamos de maneira mais aprofundada o lugar do discurso estético nesses autores. Procuramos deslocar essas reflexões para a abordagem dos *regimes de visualidades artísticas*, isto é, como poderiam ser compreendidas as apropriações singulares dos cânones das artes visuais na atualidade a partir das articulações entre a teoria discursiva e as teorias semiológicas. Em alguma medida, procuramos interrogar essas teorias colocando uma nova pergunta: “Como a análise do discurso se posiciona diante das belas-artes?”

O corpus e os objetivos

Este estudo apresenta dois conjuntos de figuras: a) 13 imagens ditas originais, provenientes de criações únicas de artistas plásticos reconhecidos pela tradição; e b) 6 releituras atuais dessas imagens,

realizadas por artistas gráficos. O primeiro grupo foi extraído de livros de história da arte (Arasse, 1996; Bazin, 1989; Gombrich, 2001; Panofsky, 2009; Wölfflin, 1989). As releituras, que constituem o segundo grupo, foram extraídas do site <consumehastamorrir.org>, idealizado em Madri. Esse site propõe uma reflexão sobre a sociedade de consumo em que vivemos, utilizando-se de seus próprios instrumentos publicitários para mostrar até que ponto o consumo é prejudicial à nossa sociedade. Esse espaço virtual conta com a colaboração de variados artistas plásticos que produzem conteúdo para suas seções. As releituras selecionadas por nós pertencem a uma mesma rubrica: *Clásicos del arte*. Todas as figuras pertencentes a essa rubrica pretendem utilizar-se dos cânones pictóricos ocidentais para criticar nosso *modus vivendi*. Tecnicamente, essas figuras são geradas a partir da inserção de um ícone do consumismo em uma composição pictural canônica, produzindo alterações dos elementos visuais da obra original. A regularidade observada no conjunto recortado é o retorno à dimensão política da enunciação. Em todas elas, existe um deslocamento do estético ao político, ou seja, existe a inscrição em uma formação discursiva anticonsumista ou antiamericanista. Por essas razões, este estudo possui caráter teórico e analítico. Teoricamente, buscamos compreender a necessidade de articulação da teoria discursiva com as teorias semiológicas: isso se dá em função da natureza imagética do objeto de análise. Analiticamente, buscamos demonstrar as relações que se estabelecem entre discurso e imagem a partir da abordagem das belas-artes e de suas releituras atuais.